

BRANCAGLIONE'S PROJECT

REFLEXões 2017
VOL.1

MARCUS BRANCAGLIONE

BRANCAGLIONE'S PROJECT

Reflexões 2017

VOL.1

Marcus Brancaglione

© 2020 Marcus Brancaglione.

Este trabalho e todo *seu conteúdo está licenciado sob a Licença*

 **RobinRight.**

Para ver uma cópia desta licença, visite
<https://www.recivitas.org/licenca-robinright>

Autor: Marcus Brancaglione

Organização: Bruna Augusto

1° edição
São Paulo
ReCivitas books
2020

Aos meus filhos

Artigos Dezembro à Outubro de 2017

O brasileiro é um coitado: tem gente ainda preocupado (de verdade) com as urnas eletrônicas...

Rajoy: o Maduro espanhol que mirou num povo e acertou... acertou o próprio pé, de novo

António Pedro Dores: Como criar esperança nesta época de mudança que vivemos?

Qual é afinal de contas o diferencial do RobinRight?

Thomas Paine e Renda Básica

Revolução no Brasil é criar uma Sociedade brasileira

Democracia de Renda Básica

Por que a Renda Básica nunca saiu do papel? E o que precisamos fazer para finalmente concretizá-la?

Dos velhos Estados-Nações aos contratos sociais do futuro: O Estado Mínimo Social

O fim de uma era: A morte dos Estados-Nações

Catalunha um governo “sem funcionários, sem sede e sem poder” mas que quer resistir. Como?

Normose, no Brasil e Catalunha: Os idiotas falando dos “loucos”

“Iniciativa Cidadã pela Defesa da Democracia na Catalunha”

3 coisas que aprendi (e que me atormentam) pedindo por Renda Básica como um mendigo institucional

Critpomoedas: Porque no Zimbábue 1 Bitcoin vale quase o dobro do mercado mundial: 10 mil dólares?

Prefácio ao Estudo da Renda Básica para o Principado de Pontinha

Introdução ao Estudo da Renda Básica para o Principado de Pontinha

Idiocracia, Idiotas e Idiocratas... no Brasil

Catalunha: Começou a violência e adivinha contra quem?

Catalunha: existe alguma chance do novo país não ser esmagado pela Espanha e UE ? Se sim, qual?

Imigrantes apátridas e robôs cidadãos: Admirável mundo novo e a síndrome da Resignação

PARLAMENTO DA CATALUNHA DECLARA INDEPENDÊNCIA

“Inferno na “casinha de Deus”: dois padres estupravam crianças surdas ajudados por uma freira...” e o problema claro é o Queermuseu... não, perdão, é o bullying no filme do Gentili...

Doria e a razão humana para pobres... e quem se importa? Papo fora. Quem é que liga para a carestia e sofrimento alheio?

Catalunha: Eleições antecipadas ou independência?

“Não Serei Cúmplice”. O que acontece quando até conservadores começam a fazer discursos revolucionários?

Curdistão já enfrenta cenário de guerra civil

Catalunha e Espanha: Democracia ou Totalitarismo?

Curdistão e Catalunha: Os argumentos do Lobo

Estado, Anarquia e Panarquia: Porque a cultura libertária nunca deixará de ser uma utopia enquanto não reivindicar e lutar por ao menos um território livre

Reitero: não é o capital que precisa do trabalho e sim o trabalho e o trabalhador do capital. Do contrário é escravo.

Um Sonho: Azul da cor do Mar

Porque a direita libertária e a esquerda estatista também deveriam estar do lado da Catalunha

A casa de Espanha: É melhor sem temido ou amado?

Civilização: O que Trump quer no Irã, na Coréia?

JP Morgan: esse aí é Friboi... há séculos

E não é que é (ou era) mesmo Eslovena a estratégia de Independência da Catalunha

Patriarcado: A rede de corrupção governamental dos Estados-Nações. Em foco a rede dos Ibéricos e Latinos

Porque Carminha votou com a banda podre dos “2 pesos, 2 medidas” do STF?

Catalunha: E agora?

Leituras e repercussões Imediatas da declaração da independência... e sua suspensão para uma abertura a negociação

Viva a independência dos povos. Viva a Catalunha livre. Todo respeito as decisões soberanas e as decisões democráticas.

Xeque-Mate? Catalunha declara a independência.... mas já a suspende? Como assim?

A Catalunha e o “plano Cohen” do “Estado Novo” Espanhol

Catalunha: a independência simbólica e a batalha pelo simbolismo

Catalunha: “Independência ou morte?” Talvez “meia” independência

Este livro é um compendio de artigos publicados originalmente na plataforma do blog www.medium.com/@mbrancaglione. Os textos encontram-se brutos, sem edição. Confira os outros volumes para ter acesso a todo o material.

O brasileiro é um coitado: tem gente ainda preocupado (de verdade) com as urnas eletrônicas...

Recentemente li uma matéria sobre uma pesquisa sobre se os brasileiros confiavam ou não nas urnas eletrônicas. Ou qualquer coisa do tipo. E a única coisa que veio a cabeça foi? como assim? O instituto que fez essa pesquisa veio da onde? De Marte?

Que porra importa se as urnas eletrônicas são ou não confiáveis, se elas já estão nas mãos dos políticos e seus juízes de estimação? Isso é como perguntar se um cofre é seguro ou não, quando o ladrão tem ele e as chaves. Eles tem medo de quem invadir nossas “urnas”? Os russos? Invadir para quê? Os “russos” dos brasileiros são seu próprio governo, e eles já não precisam invadir nada, porque já tem as chaves não só das urnas, mas de todos nossos cofres! Porque haveriam de arrombar o que já tomaram e pilharam?

Que importa as urnas ou os candidatos se os canalhas que estão no poder controlando as eleições são a mesma canalha impune até mesmo para circular decretos que alterar o próprio regime de governo a revelia da aprovação popular!!! É sério? Eles já entraram na fase de considerar livre e impunemente alterar o regime de governo, e estamos ainda preocupados com as urnas ou quem vai concorrer? Deixa eu repetir, eles estão descaradamente articulando para acabar com o presidencialismo, e se eternizar impunemente na impunidade dos palácios e estamos debatendo as urnas, os candidatos e eleições? Que urnas? Que eleições? Que candidatos? Ah, por favor.

Mané urnas... mané eleições... Mané congresso... mané supremo tribunal. O que mais eles precisam fazer para o brasileiro acordar? Gozar na sua cara dentro do ônibus? De boa, quem é que acredita nesse 171 que é o estado de direito brasileiro?

Debater as urnas é tão absurdo quanto debater se Lula vai ou não vai participar das eleições. Como se o problema fosse quem vai ser permitido ou impedido de participar das eleições, quando a organização não só das eleições mas de todas as instituições democráticas já está nas mãos do sindicato deles, o sindicato dos ladrões!!!

Fora fieis e pastores políticos será que tem gente mesmo que acredita que há perseguido político e não um bando criminosos estatais uns com foro outros sem?

Falar de urnas ou eleições em 2018, não é só dar testemunho de fé que vai aparecer salvadores políticos, é acreditar em ressurreição dos mortos. É acreditar que a república e democracia vão ressuscitar e pelas mãos de charlatães do tipo de um Lula, Bolsonaro ou qualquer outro dom sebastião convertido no Jesus da política. Loucura por loucura, melhor fazer como crentes do cinturão bíblico dos EUA que financiaram um Trump só para que cumprisse a profecia do apocalipse e ajudasse israel a poder reconstruir o templo de Salomão para que enfim Jesus voltar e salvar a eles, os escolhidos, em meio ao ranger de dentes dos infieis. Não não é fakenews, parece mas não é. Melhor que fosse... como a pesquisa, o semi-presidencialismo, o indulto... etc... etc...

Ok, você quer discutir as eleições, a democracia, as urnas, quer comprar esse debate, é um direito seu, mas não me venha com esse papo-furado de otário, que somos nós que colocamos eles lá, quando Temer e Gilmar

Mendez tocam a boca e do puteiro e eu tenho tanta liberdade para me livrar deles quanto um morador de favela para desobedecer aos traficantes do morro.

Será que eles não percebem que quanto mais eles vem com esse papo-furado mais vontade o povão tem vontade de Lula ou no Bolsonaro, no Tiririca ou num meteoro que exploda de vez com tudo, mesmo que com eles junto que diferença faz? A sensação de absoluta impotência leva a vontade de autodestruição. E a impotência consumada a sabotagem e autodestruição certa mesmo que seja com a absoluta inércia e conformismo.

É claro que eles percebem. Porque nisto consiste a primeira lei da domesticação governamental dos povos: manter as massas divididas ao ponto que jamais se unam de fato como um povo contra o poder que sempre está por definição não está no centro, define o centro, mas ao mesmo tempo sem permitir que a tensão social entre os polos extremos dos apartados desintegre seus domínios.

E quando digo eles não estou me referindo aos capangas e fantoches nos cargos mais altos 3 poderes. Pois, nisto se constitui a segunda lei desta domesticação: o poder ou autoridade mais exposta ao povo, independente do seu título ou diploma, é a que de fato a menos governa, e se um dia governou não mais. Quanto mais exposto a opinião pública mesmo o mais alto cargo e representação governamental menor é ou está seu poder de fato. O verdadeiro poder é sempre patrão, ele não faz, manda fazer. Ele nunca põe a mão na massa, ou a cara para bater, de fato quanto mais invisível é a mão e quanto menos se conhece quem de fato manda, menor é vulnerabilidade desse poder. É por isso que até aos bois se dá nome quando a coisa apeta, mas nunca aos verdadeiros donos da boiadas.

De modo Temer e Gilmar, estão aí para literalmente fazer o serviço sujo. São os braços das cabeças que sempre mandaram de fato no país, mas que hoje depois da morte institucional da legitimidade dos 3 poderes de fachada, que nem mais para gringo ou otário nativo ver para crer servem, agora governam de forma absolutista. Ou quase.

Há uma classe que ainda não desistiu, e nem vai largar do seu osso tão fácil. A do generalato. por uma acaso quem é a ultima instância do poder, depois que a legalidade e legitimidade foram para o espaço, que pela auto-desintegração ou destruição mútua da sua credibilidade elevou os militares a condição que eles se pensam como tal desde a queda da monarquia e proclamação da república, a de poder moderador, responsável por restituir a ordem, mesmo que isso na verdade significa uma ditadura de 20 anos, e manter a estabilidade, mesmo que seja desse puteiro tocado pela corrupção da classe política atual em causa própria e em favor do mercado.

Patriotismo, legalidade, legitimidade, é conversa para boi dormir o que eles estão interessados é em manter a estabilidade, não do Brasil, mas a deles. E não faço essa afirmação baseado em preconceito ou demonização das forças armadas, mas pelo simples fato de que se qualquer um desses princípios fossem verdadeiros e não propagandas eles mesmo dariam voz de prisão a um comanda-em-chefe emitindo ordens inconstitucionais (para não dizer criminosas) ao invés de ter como uma espécie de eminencia parda das intrigas palacianas um general.

Porque a legalidade e legitimidade do governo já foram pro espaço faz tempo junto com a dignidade de quem o serve. E se os últimos decretos flagrantemente inconstitucionais do estado de exceção e ditadura mal dissimulado desse governo não são provas disso, nem se Temer tirar o

pau pra fora e gozar na bandeira nacional ou no pescoço do general de pelo menos 3 estrelas, o patriota se enfurece.

De fato os militares não fizeram nenhuma intervenção não porque acham que não devem, não podem ou temem fazê-lo, mas simplesmente porque estrategicamente não consideram oportuno nem vantajoso. Digamos que por enquanto não precisaram, na situação atual ter um um general a controlar as alcovas do palácio da presidência lhe é mais do suficiente para preservar suas posições. E sejamos sinceros estão numa posição privilegiada que não ocupavam desde a ultima aventura ditatorial explicita. Aliás ninguém destrói uma própria sua reputação nem reconstrói a dos seus inimigos com um governo.

Eis portanto a ordem nacional pós-mortem da mais nova já também velha e república pronta para ser passad@:

Enquanto os pau-mandados dos 3 poderes executam a agenda impopular do mercado em troca do privilégio de manter o privilégio da impunidade, as forças armadas permanecem de prontidão como a faca no pescoço dos bandidos auto-legalizados caso eles mijem fora do pinico, ou a “lei e ordem” seja quebrada, e lei e ordem não é um presidente soltado a gangue com decretos, lei e ordem é o povo se levantado contra os mafiosos que os governam.

Generais não são soldados. Soldados são educados e acostumados a obedecer muito e mandar de preferencia nada, generais a mandar muito, e obedecer o estritamente necessário, e olhe lá. Pode até ser que nem todos sejam motivados pelos mesmo sentimento, mas o que não são como classe é trouxa, não vão enfiar a mão nessa privada entupida, a menos que seja estritamente necessário para preservar os privilégios de modo que

não vão se sujar ou limpar esse monte de merda enquanto tiver quem faça o serviço sujo.

Trocando em miúdos a questão da intervenção militar não é se eles fariam ou não. Porque eles já sinalizaram que se necessário o farão. De modo que a questão é quais cenários de instabilidade configurariam na cabeça do alto-comando essa necessidade excepcional. Quais cenários seriam estes que o levariam a ampliar suas ações excepcionais por conta própria, já que por emprego do próprio, e a contragosto manifesto do alto-comando são empregados como forças policiais já em situações específicas de exceção . Ou seja, eles já estão a intervir e interferir quando chamados ou em defesa dos seus interesses muito mais por incompetência civil do que por ambição militar. A questão é se ou talvez quando a forma não mais irresponsável mas criminosa que vem sem conduzida pelos 3 poderes políticos não irá incendiar de vez o país. Ou do ponto de vista dos incendiados- e não dos piromaníacos- qual é o ponte de ebulição da revolta das pessoas, se é que há um.

Colocando nesses termos uma revolta pode parecer certa. Mas não é. Por mais incrível que pareça tudo isso tem boas chances de não dar em nada, ou em máscaras de carnaval, algo que vai depender mais do tamanho da nossa vontade em fingir que fomos enganados para não fazer nada, do que da capacidade dos enganadores para nos conformados a uma condição que já nos conformamos faz tempo. Porque vamos ser sinceros, ao menos uma vez com nós mesmos, não estamos dormindo nem sendo enganados. Somos tão iludidos quanto eles são honestos. Ou mais precisamente estamos sendo tão enganados quanto eles escondem bem que são bandidos. Temos tanta fé na política e nos políticos quanto o fiel que espera que deus e na igreja lhe dê um emprego ou um carro.

Para que perder tempo com tanto fingimento e hipocrisia? Eles fingem (e mal) que são honestos e nós fingindo (e mal) que somos de novo enganados. Nem nós nem eles acreditam em nada, mas na falta de algo melhor, como por exemplo, dignidade fingimos. Queremos ser enganados por bandidos e eles querem nos enganar como bandidos esse é o nosso verdadeiro contrato social. É assim que queremos ser e viver: com eles cagando e andando para o povo, e nós cagando e andando uns para os outros, todos abraçados rolando na bosta jurando para gringo ver que é chocolate. “Quem rouba mas faz”, nos representa, por isso “relaxa e goza”.

Vai, vamos ser mais sinceros ainda... Quem é que se importa? Quem é que acredita que alguém se importa? Quem é que acredita que alguém está disposto a fazer qualquer coisa? Qualquer coisa além de reclamar protestar? Tudo o que sabemos fazer como classe popular é ficar puto. E ficar ou não é indiferente, porque querendo ou não já somos putas deles. Se ofender em ser chamado é só uma questão de manter aparências. E num lugar onde estamos mais preocupados com os termos e dizeres do que com os atos e fatos. Com o nome da rosa e não com as rosas, é muito fácil governar apenas jogando tudo para debaixo dos tapete.

Definitivamente o Brasil é o país do me engana que eu gosto. O brasileiro não quer mudar de condição ele apenas quer ser tratado de forma diferente, ainda que vivendo na mesma merda. É um prisioneiro do mundo simbólico onde a sátira da sua condição miserável lhe ofende mais do que sua própria miséria e o bobos da corte que fazem graça da sua desgraça são mais odiados que os tiranos que os enganam e fodem com todo o devido respeito seriedade e autoridade.

Você não conhece o futuro de um país pelos discursos de seus supostos melhores elementos, porque discursos e virtudes e principalmente em virtudes em discursos são altamente simuláveis. Você conhece o futuro de um país pelos atos mais monstruosos e insanos de seus elementos mais

marginais e ideologicamente perturbados em momentos de crise. Os elementos mais beligerantes e violentos, entre os franceses, entre os americanos, russos, ingleses, alemães, ou italianos, em momentos de crise do sistema cortam a cabeça de reis, assassinaram presidentes, executaram famílias reais, penduram ditadores como porcos, cometeram as maiores atrocidades contra seus líderes. O que os elementos mais perturbados e violentos fazem em tempos de crise, queimam mendigos homossexuais no natal, espancam ladrões de bicicleta ou basicamente matam família e vão ao cinema.

Pessoas que se dizem virtuosas podem disfarçar a sua covardia e omissão fingindo ser pacifistas e tolerantes. Pessoas que não tem nenhum pudor de usar da brutalidade e violência não. O grau da sua covardia e servilidade está explícito e manifesto no seu ato. Não sei dizer quanto de nós que nos chamamos pessoas de paz somos só covardes e omissos, afinal não sei, nem sou juiz do que as outras pessoas estão fazendo. Mas sei o quanto o quanto somos covardes não só por aquilo que os mais belicosos e violentos fazem e contra quem, mas por aquilo que os que se dizem os mais solidários e virtuosos se contentam em falar para nunca fazer. No fundo o brasileiro é uma nação de torcedores. Torce para alguém explodir o congresso torce para alguém acabar com a pobreza e corrupção, torce pelo violência. O brasileiro simplesmente torce. E se não encontra um time para torcer nem assistir consegue, que dirá participar. Tomar a frente e a iniciativa então é algo tão inimaginável a sua pisque quanto ter uma base na Lua. Uma nação de torcedores que lida com suas lideranças de modo infantil e carente, querendo amar e ser amado. Literalmente um coitado que busca a figura do pai na pessoa dos seus sequestradores e estupradores.

Maquiável perguntava se a um governante é melhor ser amado ou temido por seu povo. Essa é uma pergunta que uma cada simples cidadão deveria

se fazer em relação do que esperar daqueles que querem por as mãos neles para governá-lo. É melhor que esses homens que tem a pretensão de mandar o amem ou o temam?

Você tem medo de ser morto, preso processado por seu governo se denunciá-lo ou falar mal dele? Ou são eles, seus governantes, que tem medo de perder seus cargo se você simplesmente achar que eles são bandidos ou indignos?

Em cima dessa resposta, você sabe se vive de fato numa ditadura, um país de cães amestrados a lambar as botas de seus mestres e autoridades, ou no país livre onde o poder não é um privilégio, mas uma espada sobre a cabeça de quem o exerce e não nas mãos de estatopatas.

Quem vive com medo na terra em que dorme não é dono do território é a presa das pragas e predadores que a tomaram e atormentam. E se nem mais isso sente, se medo mais tem, ao ponto de comer na mão dos seus algozes, então nem mais presa é, é animal o de abate deles, devidamente domesticado. Não ter solidariedade, não ter dignidade, degenera. Mas perder a noção do perigo, a noção do lugar em que vive e do tempos que estão por vir e já batem a nossa porta é fatal.

Há um tempo, para tudo. O de acordar e levantar passou faz tempo.

Rajoy: o Maduro espanhol que mirou num povo e acertou... acertou o próprio pé, de novo

Já não é mais a independência da Catalunha que está em xeque, é prepotência e soberba das lideranças da Espanha e UE. E agora?

Não poderia ter sido uma derrota pior. Nem uma estratégia mais desastrosa. Depois de proibir e reprimir o referendo da independência com toda brutalidade policial; criminalizar e prender as lideranças eleitas; suspender o estado de direito e colocar um interventor biônico; depois de apelar para todos argumentos e recursos políticos jurídicos, mediáticos e até mesmo econômicos para bloquear e desqualificar a independência, no melhor estilos das ditaduras latino-americanas, o governo espanhol- provando que toda prepotência é burra- decidiu realizar eleições acreditando que a população legitimaria a sua intervenção autoritária! No melhor estilo caudilhesco tão bem conhecido e apreendido das mãos dos nossos colonizadores aqui nas Américas Latinas. Rajoy o grão-vizir del rei de Espanha promoveu uma eleição típica das democracias de fachada com direito até a candidatos presos ou exilados e ainda perdeu. Uma proeza.

Depois de reprimir e derrubar e desqualificar o referendo independentista alegando que havia uma maioria silenciosa que a favor da união com a Espanha que não votou resolveram organizaram uma eleição marcada para se transformar no referendo contrário, e mesmo apelando para procedimento típica de ditaduras caudilhescas, perderam numa eleição com recorde de participação onde a maioria continuo a ser do bloco dos independentistas enquanto a sua representação e moral no bloco opositor dos unionistas se desintegrou.

Em suma fizeram das eleições o plebiscito que tanto fizeram para impedir e anular e entregaram de bandeja isto que a tanto custo tentaram bloquear e desqualificar: o reconhecimento da legitimidade e legalidade dos independentista; perdendo para uma oposição literalmente presa e amordaçada. Não é de surpreender portanto que de quebra tenham se desmoralizado completamente e perdido para os Ciudadanos a liderança entre os unionistas. Sinceramente nem um agente anarquista infiltrado no governo conseguiria ser tão eficaz. Nada como um autoritário autêntico para expor e implodir o autoritarismo.

Eis o balanço das eleições: A composição do parlamento entre independentistas e unionistas ficou a mesma, o que mudou foi a liderança entre os unionistas que passou para o Ciudadanos na exata medida da desintegração da partido governista que passou a ter a representativa dos chamados “anti-capitalistas” ou “extrema-esquerda”. O velho partido governista não só perdeu a eleição para os separatistas, como também perdeu sua representação para a nova liderança da direita conservadora: os Cidaundanos. Não demoveu os independentistas um milímetro da sua (auto)determinação republicana, como entregou de bandeja a legitimidade legal do independentismo que tentou barrar a todo custo até com brutalidade policial ao obter novamente a maioria numa pleito desenhado pelo governo para liquidá-los como de quebra se apequenou e perdeu a liderança para as novas forças conservadoras de direita.

Querer reverter a posição dos separatistas a força era algo que se não fossem tão prepotentes haveriam de esperar que falharia. Contudo perder espaço dentro do campo dos próprios aliados, esse é um revés com implicações político-eleitorais ainda maiores, e que certamente irão para além das fronteiras Catalunha, afetando as disputa de poder em toda a Espanha. Ou seja foram simplesmente geniais: involuntariamente ratificaram institucionalmente a perda Catalunha, e ainda por cima

abriram caminho para sua derrocada frente a seu verdadeiro concorrente: a nova direita conservadora.

E a velha esquerda? Como ficou? Aquela famosa esquerda que na horas derradeiras está sempre unida como direita aqui, na Espanha ou na Conchinchina, essa só não derreteu (mais) da mesma forma que sua aliada de direita, porque a nova esquerda espanhola, o Podemos, resolveu subir no muro, e claro vomitado como os mornos são. O Podemos nem assumiu o lugar da esquerda autoritária, apoiando os unionistas, nem se colocou como alternativa clara entre os independentistas, propondo ativamente o federalismo republicano. Talvez porque queira governar um Nação gigante ainda que sem plena liberdade de autodeterminação das populações que a compõe, do que ser um partido internacional nas tantas comunidades espanholas formadas por suas repúblicas, federadas ou não.

Mas não são eles que importam, e sim quem tomou a força e está dando as cartas. O governo espanhol. Porque ele fez, o que fez? Será que acreditaram na sua própria estórias de “maioria silenciosa”? Ou confiaram demais que o terrorismo de estado quebraria a a moral e dobraria o povo catação ao seu “legalismo”? O fato é que conseguiram o efeito oposto, não converteram separatistas como conseguiram perder apoiadores mesmo entre os que não querem a separação. E essa é uma postura digna de nota de ambas forças antagônicas da Catalunha, tanto dos que defendem dos independentistas quanto unionistas. Nem um outro lado deixou mover, demover ou convencer por esse tipo de propaganda ou pressão política econômica baseada em pressão e manipulação. Não foram vencidos nem se deram por convencidos por esse tipo de autoritarismo. Simplesmente não se deixaram levar nem de um lado nem de outro por esse tipo de intervenção autoritária.

Esse comportamento merece ser notado, especialmente por nós brasileiros, primeiro porque não temos uma sociedade extremamente vulnerável em ser reduzida e manobrada como massa, trocando de opinião e convicção como quem troca de roupa, como se não tivesse nenhuma memória nem mesmo de curto prazo. Talvez se o grão vizir del tivesse, uma população mais vulnerável ou volúvel, como dispõe nossos governos brasileiros poderia tal manobra poderia ter funcionado. Ou talvez se o governo espanhol seguisse o velho manual dos tiranetes: não apenas manipulando as massas, mas deixando a porta aberta para fraudar as eleições sempre que necessário. Talvez precisem fazer um curso de reciclagem aqui no Brasil como os mestres Temer e Gilmar Mendes: “Como emular regimes ditatoriais nos Estados de direito democrático”, um curso onde eles podem ensinar não só como realmente fazer eleições de cartas marcadas, fraudando e os cambau, mas até como trocar até de sistema sem consulta popular! ou mesmo legalizar a criminalidade ou criminalizar a justiça. Esses sim são aprendizes que superam os mestres: conduzem as ex-colônias ibéricas com mais autoritarismo e privilégio do que se vivessem nas antigas metrópoles.

Pensando bem, melhor fazer um mea culpa. Talvez o mérito não seja deles, mas sim o desmérito seja todo nosso. Quem sabe se fizéssemos o contrário, se mandássemos nossos criminosos estatais para fazer governar no primeiro mundo, eles não teriam a mesma sorte. Mas isso é outro assunto. O que interessa é o que a Espanha fará agora? Agora que só resta admitir a derrota e recuar sentando a mesa com os independentistas para negociar os termos da capitulação. Quem acredita que depois do que eles fizeram vão recuar e entregar. Mais provável é que tentem criar situações para usar mais “bombas atômicas”, quantas for necessário para acabar de vez com os independentistas, mesmo que isso custe a mascarar de democracia a monarquia espanhola.

Só quem não entende como sente e pensa quem quer o poder acredita que isso não vai terminar com um dos lados capitulando de livre e espontânea falta de saída. Porque erros como o governo espanhol cometeu se explicam, desde que queira se olhar para a verdadeira motivação de quem detém busca o poder a todo custo. Para estadistas melhor ser um rei degenerado do que um simples cidadão sem nenhum reino. Melhor ser um rei criminoso do que um mero plebeu inocente.

Enfim, a verdade é que a Catalunha permanece na mesma. E enquanto o risco e custo de mantê-la como domínio espanhol não for maior que ganhos, justa ou injusta este domínio será mantido, e leis serão feitas desfeitas e refeitas para justificar a dominação. Porque o resto é propaganda e manipulação. E se há uma coisa que essa eleição prova é que os catalães não estão dispostos a ser levados nem a uma condição nem a outra, por esse tipo de imposição ou manipulação. É isto que faz deles, unidos ou separados, um povo livre. E a nós pelo contrário um povo a viver (e ser tratado) como escravo mesmo tendo supostamente um país livre, com república e democracia. Pensando bem, também somos no fundo um povo unido apenas por outras razões. Esquerda ou direita, velhos ou novos, ricos ou pobres, patrões ou empregados, no fundo todos somos brasileiros porque partilhamos de uma mesma cultura: a do me engana que eu gosto.

Moral da história: a conquista da soberania e autodeterminação não é só uma questão de número ou decisão, mas de força dessa determinação, que não é outra senão a própria força de vontade de cada pessoa em torno de alguma coisa em comum. E quando esse coisa em comum se torna a própria a coisa comum, a república. Prender não adianta, só matando mesmo. Não sei se é trauma de ser brasileiro, mas eu se fosse independentista não entrava numa aeronave nem pagando. Mas deve ser

só trauma mesmo. Cada povo tem sua cultura, seus ritos e costumes e claro seus métodos. Veremos quais são os espanhóis e europeus?

Diálogo e negociação, ou o quê?

Veremos.

Veremos onde a política da imposição e intransigência vai chegar e até onde vai levar também a Catalunha.

Uma bomba caseira explodiu na madrugada desta sexta-feira (22), na porta do Tribunal de Apelações de Atenas, na Grécia, sem deixar feridos, mas provocando danos materiais, de acordo com informações da polícia.

A explosão aconteceu por volta das 3h25 no horário local (23h25 em Brasília). A autoria do ataque é desconhecida, mas, 40 minutos antes de ocorrer, houve um aviso para um jornal.

Na chamada, uma pessoa afirmou que não se tratava de uma brincadeira e exigiu que se esvaziasse o edifício do tribunal e o prédio ao lado.

A explosão causou danos na fachada do edifício e detonou vidros nos arredores.

No dia 20 de abril deste ano, uma bomba similar explodiu na frente de uma filial do Eurobank, no centro de Atenas.

*Esse tipo de ataques, que acostumam causar danos materiais mas não pessoais, são relativamente frequentes na Grécia e nos últimos anos costumam ser reivindicados por membros de grupos anarquistas. — **Bomba explode em frente a tribunal em Atenas, na Grécia, sem deixar feridos***

Rajoy recusa reunir-se com Puigdemont

O primeiro-ministro espanhol, Mariano Rajoy, rejeitou o pedido do ex-presidente do governo catalão Carles Puigdemont...

www.jn.pt

Eleições - Puigdemont reclama vitória e dá um mês a Rajoy para que este peça desculpa

Junts per Catalunya foi a força independentista mais votada. Ex-presidente da Generalitat afirma que a "república catal...

www.dn.pt

Entrevista. "Rajoy está morto e foi Arrimadas que o matou"

A "utopia do independentismo" esvaziou-se quando as empresas começaram a abandonar a Catalunha e Madrid impôs sem...

www.publico.pt

Rajoy precisará negociar

Sem obter a maioria dos votos, os partidos separatistas perderam duas cadeiras, mas conseguiram manter, com 70 das 135...

g1.globo.com

Rajoy. Resultado das eleições catalãs "não é extrapolável" a nível nacional

O presidente do Governo espanhol, Mariano Rajoy, garantiu esta sexta-feira perante a direção do partido que irá até ao...

expresso.sapo.pt

António Pedro Dores: Como criar esperança nesta época de mudança que vivemos?

Renda Básica, Economia Social e Economicismo

Reproduzo na integra artigo de uma das cabeças do movimento português da RBI:

No ocidente, observa-se o fim do crescimento e o declínio da classe média, juntamente com o crescimento da pobreza e o envelhecimento demográfico. Do ponto de vista financeiro, vive-se uma viragem para a moeda virtual, com o auxílio das novas tecnologias de informação e os efeitos de desintegração social associados.

A imaginação dos povos acompanha as transformações práticas da vida, cujos ciclos de crescimento e destruição são cada vez mais curtos e sectoriais, à medida que as vidas das pessoas se alongam e as experiências de vida se trocam através dos processos de globalização e de mobilidade social

descendente. A imaginação e o conhecimento transformam-se de unitários (de classe ou nacional) em caleidoscópicos, como descobriram os pós-modernos.

Poder-se-ão encontrar padrões fractais capazes de ajudar a compreender a vida, a partir das novas experiências sociais metropolitanas e em rede e das novas potencialidades bio-info-tecnológicas? Saberão as sociedades integrar as ciências ecologicamente convergentes no novo mundo que se anuncia como senhor de novas condições climáticas?

O neo-liberalismo, cioso dos preconceitos economicistas centrados na adoração do mercado, tem procurado minorizar o valor da crítica social. A teoria social, em (má) reacção, encapsulou-se num estado pré-paradigmático, como se dizia nos anos 70, entre as actividades culturais e as ciências propriamente ditas. Defendeu-se e resistiu fechando-se, como os representantes dos trabalhadores o fizeram, em torno do compromisso do Estado Social, na esperança da derrota política do neo-liberalismo permitir voltar ao crescimento económico, como se isso fosse desejável e possível. A crise financeira declarada em 2008, sem reacção útil dos poderes anti-neo-liberais, porém, mostram o fim de uma época, bem presente na sensibilidade das pessoas, sobretudo dos mais velhos, a quem, de resto, atacam as reformas e a confiança, como se já estivessem mortos.

A derrota do neo-liberalismo não será espontânea. Como bem revela a história do ano 2009, se as forças anti-neo-liberais não desmantelarem e substituírem as solidariedades entre os poderosos, públicos e privados, as corporações empresariais e os estados continuarão a cooperar entre si, alheados do destino das populações que não tenham utilidade e violentos com quem esteja no local errado à hora errada.

O problema é, portanto, como construir uma base material para suportar a convergência subjectiva da miríade de orientações de vida pós-modernas, organizadas sobretudo em torno de organizações não governamentais, assegurando liberdade e democracia que o modelo comunista não soube assegurar? Quando os trabalhadores globalizados perderam capacidade de acção revolucionária, as novas tecnologias unem as classes médias em todo o mundo, a exclusão social se torna um risco banalizado e a pobreza não está a ser atacada.

A ficção das agendas políticas no desemprego torna clara a dependência dos trabalhadores relativamente ao capital: antes de dois ou três anos de crescimento dos lucros — mostra a experiência — não haverá queda nas taxas de desemprego (apesar das migrações e das regras penitenciárias impostas aos desempregados para manterem esse estatuto). O crescimento do nível estrutural do desemprego é uma tendência persistente desde os anos 80. A novidade actual é a queda dos salários reais, que se têm mantido estagnados nas últimas décadas.

Evidentemente, a competitividade com países do antigo terceiro mundo, por muito rápidos que sejam os crescimentos nalguns desses países, implica necessariamente uma redução nos encargos sociais, fatal para as populações dos antigos países desenvolvidos. Ora, as teorias sociais, concentradas nas questões de poder, marginalizaram (e estigmatizaram) os estudos das dimensões da vitalidade e da identidade sociais. E os partidos políticos, cada qual à sua maneira, mantêm a ilusão de que tudo voltará a ser como dantes, como se estivesse nas suas mãos fechar a globalização.

Como se costuma dizer, isto só vai lá com uma nova mentalidade. Nomeadamente, com a crítica profunda (e não apenas superficial) do determinismo economicista ou voluntarista.

A vitória da filosofia materialista corresponde a uma era de materialismo fiduciário. Essa época acabou nos anos 70 e a nova era de imaterialidade fiduciária está apenas no seu início. Dinheiro sempre foi uma forma sintética de representação das relações sociais. Distribuído em função do “mérito” atribuído por instituições — como as escolas e universidades, mas também associações laborais, patronais, políticas, secretas, e outras — tornou-se, entretanto, monopólio do sector financeiro, que está a destruir todas as instituições — como sempre o capitalismo fez na história — pervertendo-lhes as finalidades.

As tarefas que enfrentamos são desmesuradas. E resistir, manifestamente, não está a funcionar. Precisamos de avançar. Mas em que direcção?

Logo aparecem as seitas religiosas, as seitas secretas, os partidos, as tradições, a reclamaram que estão no terreno à espera de alguma atenção, faz muitos anos. Nalguns casos milénios. E muita gente tem mantido essas organizações, sem resultados práticos. O desespero, na Europa, tem levado muitos a apoiar soluções diabólicas, como as retomas dos projectos nazis. O que reclama urgência em avanços favoráveis à liberdade e à democracia.

A proposta de inauguração de processos de institucionalização de rendimentos básicos incondicionais (RBI) — a qualquer nível, mas sobretudo como forma de ultrapassar a crise institucional da União Europeia — responde positivamente a muitos dos dilemas que deixámos identificados atrás.

A economia e o dinheiro, por muito importante que sejam (e são), não esgotam a vida social, nem mesmo as vidas dos seus adoradores. A vida comunitária, as heranças eco-tecnológicas e a construção de hierarquias morais instituídas são pelo menos igualmente fundamentais para os humanos

(mesmo para os que vivem da especulação financeira ou outros quaisquer tipos de alienados).

O RBI cria um financiamento estável capaz de assegurar uma base simbólica para uma economia social, liberta das condições políticas e das instituições de controlo social. O facto de ser simbólica — já que é apresentada como dinheiro — não evita que seja igualmente material. Na verdade, por ser simbólica não se sabe exactamente a que lhe irá corresponder materialmente. Mas sabe-se que se o dinheiro não corresponder a bens suficientes para assegurar uma vida digna a cada um e a todos os membros de uma sociedade (idealmente, de toda a humanidade) é porque o projecto RBI não está acabado. Se o dinheiro distribuído for tão pouco que se torne uma esmola, constituirá um reforço dos problemas já existentes e mais uma desilusão.

Em termos mais pragmáticos, a economia social já existe. Mas é uma economia apenas tolerada, nicho de existência de pessoas dependentes. Ou melhor, cuja independência depende das suas convicções políticas e, portanto, promotoras de dogmas e não de solidariedades; promotora de cumplicidades e resistências em vez de aberturas ao mundo e à igualdade. O RBI suficiente para permitir a cada um passar a ser senhor da sua vida, vencer o destino à força da sabedoria que seja capaz de pôr em prática, por sua própria lavra, sem arriscar a sua existência física, será certamente uma base material para uma transformação social positiva, capaz de melhorar as perspectivas negativas actualmente persistentemente vigentes nas classes trabalhadoras e nas classes médias.

*Boa maneira de continuar a discutir estes temas é acompanhar o trabalho de criação do modelo familiar cooperativo, <http://www.novacomunidade.org/>. Ou da <https://www.recivitas.org/>, no Brasil, através das experiências de vida de Marcus e Bruna. — **António Pedro Dores***

Rendimento Básico Incondicional

O movimento do decrescimento teve origem nos anos 1970 no pensamento pós-desenvolvimentista e nos trabalhos de...

rbiportugal.blogs.sapo.pt

António Pedro Dores é doutorado em Sociologia pelo ISCTE, professor de Sociologia da Violência, e membro da Associação Contra a Exclusão e pelo Desenvolvimento e do grupo RBI de Lisboa. Autor dos livros: Espírito de Submissão; Espírito de Proibir; e Espírito Marginal;

MCF - O MODELO COOPERATIVO FAMILIAR

O Manual para a construção de uma sociedade que funcione como uma FAMILIA global, utilizando um...

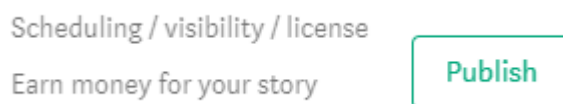
www.novacomunidade.org

Qual é afinal de contas o diferencial do @RobinRight?

Recentemente um amigo me perguntou para que serve afinal de contas esse tal de @RobinRight se é que serve para alguma coisa? E porque é que eu não uso outras tantas licenças alternativas disponíveis. A resposta é simples. Não uso outras licenças, porque nenhuma manifesta a minha vontade em dispor o que produzo. E o diferencial do

ⒶRobinRight é que ele faz justamente isso. Como exatamente é o que eu pretendo explicar.

Aqui mesmo no Medium na hora de publicar ao lado do botão para “*Publish*” há algumas opções de como fazê-lo entre elas como licenciar sua produção no “*license*”.



Quando você abre essa opção você se depara com 3 opções. Todos os direitos reservados, domínio público (nenhum direito reservado) e alguns direitos reservados. Nesta abrem n alternativas, que correspondem as diferentes forma de licenciamento dos direitos de cópia e reprodução criados.

No rights reserved
 Some rights reserved
 All rights reserved

Attribution
 Attribution, no derivatives
 Attribution, share alike
 Attribution, non-commercial
 Attribution, non-commercial, no derivatives
 Attribution, non-commercial, share alike

Others can distribute, remix, and build upon your work as long as they credit you. ⓘ

Como se pode ver. As opções correspondem aos tipos de licenças alternativas mais comuns. Que vão basicamente daquela que só exige que se identifique o autor, as combinações possíveis entre as possibilidades de: permissão ou não de uso comercial; de obras derivadas; e de compartilhamento livre. Nenhuma delas corresponde ao escopo da licença *Attribution-NonCommercial-ShareAlike*. Pois o *Attribution-NonCommercial-ShareAlike* é uma licença que permite tudo, isto é autoriza o usuário a compartilhar, comercializar e produzir obras derivadas, descriminaliza todas essas atividades exatamente como a licença que só exige que se credite o autor, porém sem renunciar ao recebimento do pagamento quando essas atividades são ou se tornam lucrativas. Qual a diferença então do *Attribution-NonCommercial-ShareAlike* para o famoso “todos os direitos reservados”? de que direitos o autor abriu, mão afinal de contas? Abriu mão do direito de cercear de antemão todo tipo de copia reprodução, compartilhamento ou comercialização da sua

obra, mas dos eventuais ganhos. Quando o autor se reserva todos os direitos, ele não permite que se usem sua obra sem sua autorização. Ele não permite se compartilhe gratuitamente ou não, ou que se copie ou venda a obra, não sem sua autorização. Nas licenças alternativas, permite-se algumas dessas coisas ações outras não, algumas delas permitem que se venda, outras que também se copie e compartilhe gratuitamente. Outros que só se copie e compartilhe gratuitamente. No RobinRight todas as atividades estão previamente autorizadas. E isso implica que naquelas que visam e conseguem obter lucro, que o autor se reserva o direito de cobrar os direitos de royalties que neste caso em específico não abriu mão. Ou seja, é uma licença que autoriza todas as formas de uso, mas para aquelas que auferem lucro não abre mão dos direitos de propriedade.

Para entender o que esse diferencial do *RobinRight* implica é preciso entender as leis que regem os direitos de copia ou o que é a mesma coisa que tornam ilegal ou criminalizam determinadas atividades da chamada pirataria.

Muita gente não sabe, muito por causa pela propaganda patrocinada pela indústria, mas copiar e distribuir copias de obras sem fins lucrativos não é crime nem sequer contravenção! Ter uma obra pirateada em casa é a mesma coisa que possuir um baseado, se o posse de drogas fosse descriminalizada e não o tráfico. Ou melhor se o porte de drogas fosse descriminalizado, o trafico continuaria crime, mas a porte de drogas para consumo não.

São comuns assertivas do tipo “é proibida a reprodução parcial ou integral desta obra”, “este material não pode ser publicado, transmitido, reescrito ou redistribuído”, “pirataria é crime”, “denuncie a falsificação”. É proibido, ainda, “editar”, “adicionar”, “reduzir”, “exibir ou difundir publicamente”, “emitir ou transmitir por radiodifusão, internet, televisão a cabo, ou qualquer outro meio de comunicação já existente, ou que venha a ser criado”, bem como, “trocar”, “emprestar” etc., sempre “conforme o artigo 184 do Código Penal Brasileiro”.

Não é esta, todavia, a verdadeira redação do artigo. Omitem a expressão “com intuito de lucro”, enfatizada pelo legislador em todos os parágrafos (grifou-se):

§ 10 Se a violação consistir em reprodução total ou parcial, com intuito de lucro direto ou indireto, por qualquer meio ou processo, de obra intelectual, interpretação, execução ou fonograma, sem autorização expressa do autor, do artista intérprete ou executante, do produtor, conforme o caso, ou de quem os represente: Pena — reclusão, de 2 (dois) a 4 (quatro) anos, e multa.

§ 20 Na mesma pena do § 10 incorre quem, com o intuito de lucro direto ou indireto, distribui, vende, expõe à venda, aluga, introduz no País, adquire, oculta, tem em depósito, original ou cópia de obra intelectual ou fonograma reproduzido com violação do direito de autor, do direito de artista intérprete ou executante ou do direito do produtor de fonograma, ou, ainda, aluga original ou cópia de obra intelectual ou fonograma, sem a expressa autorização dos titulares dos direitos ou de quem os represente.

§ 30 Se a violação consistir no oferecimento ao público, mediante cabo, fibra ótica, satélite, ondas ou qualquer outro sistema que permita ao usuário realizar a seleção da obra ou produção para recebê-la em um tempo e lugar

previamente determinados por quem formula a demanda, com intuito de lucro, direto ou indireto, sem autorização expressa, conforme o caso, do autor, do artista intérprete ou executante, do produtor de fonograma, ou de quem os represente: Pena — reclusão, de 2 (dois) a 4 (quatro) anos, e multa.

§ 4o O disposto nos §§ 1o, 2o e 3o não se aplica quando se tratar de exceção ou limitação ao direito de autor ou os que lhe são conexos, em conformidade com o previsto na Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998, nem a cópia de obra intelectual ou fonograma, em um só exemplar, para uso privado do copista, sem intuito de lucro direto ou indireto.

Tanto o objeto da lei é “o intuito de lucro”, e não simplesmente a cópia não autorizada, que CDs, VCDs, DVDs ou VHSs mesmo originais não poderão ser exibidos ao público sem autorização expressa do titular do direito.

Se o comércio clandestino (camelôs, estabelecimentos comerciais e sites que vendem cópias não autorizadas) é conduta ilegal, porém o mesmo não se pode afirmar sobre cópias para uso privado e o download gratuito colocado à disposição na internet. Só é passível de punição:

Se a violação consistir em reprodução total ou parcial, com intuito de lucro direto ou indireto, por qualquer meio ou processo, de obra intelectual, interpretação, execução ou fonograma, sem autorização expressa do autor, do artista intérprete ou executante, do produtor, conforme o caso, ou de quem os represente (art. 184, § 1º).

*Contrario sensu, é permitida a **cópia integral** de obra intelectual, sem autorização do detentor do direito autoral, desde que não se vise lucro, seja direto, seja indireto, mas é proibida a cópia não autorizada, mesmo parcial, para fins lucrativos. Assim, não comete crime o indivíduo que compra discos e*

fitas “piratas”, ou faz cópia para uso próprio; ao passo que se o locador o fizer poderão configurar-se violação de direito autoral e concorrência desleal.

Pelo Princípio da Reserva Legal, segundo o qual não há crime sem lei anterior que o defina, nem pena sem prévia fixação legal[1], a cópia integral não constitui sequer contravenção. No Brasil, quem baixa arquivos pela internet ou adquire produtos piratas em lojas ou de vendedores ambulantes não comete qualquer ato ilícito, pois tais usuários e consumidores não têm intuito de lucro.

O parágrafo segundo do artigo supracitado reforça o caráter econômico do fato típico na cessão para terceiros:

§ 2º — Na mesma pena do § 1º incorre quem, com o intuito de lucro direto ou indireto, distribui, vende, expõe à venda, aluga, introduz no País, adquire, oculta, tem em depósito, original ou cópia de obra intelectual ou fonograma reproduzido com violação do direito de autor, do direito de artista intérprete ou executante ou do direito do produtor de fonograma, ou, ainda, aluga original ou cópia de obra intelectual ou fonograma, sem a expressa autorização dos titulares dos direitos ou de quem os represente.

E assim seguem os parágrafos subsequentes. Todos repetem a expressão “com intuito de lucro direto e indireto”, expressão esta, como visto, que desaparece sempre que a lei é invocada na defesa dos interesses da Indústria.

Por conseguinte, mais coerente seria denominar-se pirata apenas as cópias feitas com intuito de lucro, direto ou indireto. Este último, diferentemente da interpretação apressada dos profanos no afã de imputar o consumidor, não é a economia obtida na compra de produtos ilegais. Ocorre lucro indireto, sim, quando gravações de shows são exibidas em lanchonetes e pizzarias, ou

executa-se som ambiente em consultórios e clínicas, sem que tal reprodução, ainda que gratuita, fosse autorizada. A cópia não é vendida ou alugada ao consumidor, mas utilizada para promover um estabelecimento comercial ou agregar valor a uma marca ou produto[2].

A cópia adquirida por meios erroneamente considerados ilícitos para uso privado e sem intuito de lucro não pode ser considerada pirataria; sendo pirataria, então esta não é crime.

As campanhas anti-pirataria são cada vez mais intensas e agressivas e os meios de comunicação (muitos dos quais pertencentes aos mesmos grupos que detêm o monopólio sobre o comércio e distribuição de músicas e filmes) cumprem seu papel diário de manter a opinião pública desinformada.

Nenhum trecho de livro poderá ser reproduzido, transmitido ou arquivado em qualquer sistema ou banco de dados, sejam quais forem os meios empregados (eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros), salvo permissão por escrito, apregoam a Associação Brasileira de Direitos Reprográficos (ABDR) e as editoras. De fato, na quase totalidade das obras impressas, o leitor depara-se com avisos desse tipo:

Todos os direitos reservados, incluindo os de reprodução no todo ou em parte sob qualquer forma. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios sem permissão escrita da Editora.

Novamente, não é o que a legislação estabelece. O artigo 46 da Lei dos Direitos Autorais impõe limites ao direito de autor e permite a reprodução, de pequenos trechos, sem consentimento prévio. E o parágrafo quarto, acrescentado pela Lei nº 10.695 ao artigo 184 do Código Penal Brasileiro,

autoriza expressamente a cópia integral de obras intelectuais, ficando dispensada, pois, a “expressa autorização do titular”:

*Não constitui crime “quando se tratar de exceção ou limitação ao direito de autor ou os que lhe são conexos” nem “a cópia em um só exemplar, para uso privado do copista, sem intuito de lucro direto ou indireto”. — **Download de filmes e livros para uso privado não é crime***

Ora, mas se então se é uma questão de desinformação e propaganda enganosa, qual é a utilidade do [@RobinRight](#)? *Se é somente criminalizadas as atividades previamente não autorizadas com fins lucrativos de que serve o RobinRight? Justamente esse: descriminalizar as atividades sem não previamente autorizada com fins lucrativos! De modo que aquilo que hoje é considerado um roubo, se torne uma dívida, porém se e somente se, essa atividade tiver sucesso. De modo que aquele que tente vender uma obra, não seja penalizado por fazê-lo com sucesso, nem muito menos por ter fracassado, ficando só com a obrigação de pagar por algo que não conseguiu sequer vender.*

Quando pensamos ou nos pensamos apenas como como clientes, consumidores e usuários perdemos a noção de que não somos só isso. Mas pergunte a um camelo o quão justo é ele ser tratado como se fosse um criminoso enquanto seus clientes não o são. Afinal de contas um camelo não é um traficante. E é ainda mais hipócrita criminalizar a este vendedor ambulante ou virtual informal do que o outro, na medida que quem compra dele não comete crime nem é muito menos sua vítima, mas parte do negócio.

Como ressalta o jurista a lei criminaliza de fato todo o intuito de lucro ou ganho auferido sem a devida autorização do proprietário, no caso o autor. Mas esse intenção ou obtenção de lucro deveria ser criminalizada? O problema não está em buscar o lucro autorizada ou não pelo dono da propriedade, está em uma vez ao obtê-lo sonegar aquilo que é devido ao dono da propriedade que usou. Algo que não vale só para as propriedades particulares e autorais, mas também para as comuns. Porque no final das contas. Tudo o que se faz nesse mundo se faz da apropriação ou do que originalmente existia naturalmente, ou do que foi criado anteriormente. De modo que é contraprodutivo impedir essa apropriação, mas ela em si não é um roubo, roubo está em negar aqueles que são os donos ou também são donos dessa propriedade a parcela devida dos ganhos obtidas como seu uso.

Logo o modelo de licença RobinRight não visa cobrar nada de camelos, que não mal ganham para sobreviver, mas descriminalizar que as pessoas que ganham a vida de forma precária se apropriando de bens de propriedade particulares ou públicos. Sem contudo abrir uma brecha jurídica para outros que possuindo o capital para negociar esses bens em larga escala, estes tem sim não só ganhos gigantes sobre aquilo que produzem ou reproduzem ou vendem sobre bens apropriados, mas tem de fato não só condição, mas obrigação (não como crime, mas como dívida) de pagar a participação devida aos proprietários seja da obra como criadores, seja de si mesmos como usuários dentro de um sistema onde sua existência está convertida em informação, e sua propriedade intelectual corresponde portanto a nada menos que seu “eu” virtual, ou seja seus dados.

O x da questão é que aquele que produz o criador da obra, precisa sobreviver, assim como aquele que a comercializa. E não é a dita pirataria que rouba nem de um, nem de outro o seu direito a sobreviver, mas os

corsários. Os piratas legais com cartas legais para efetuar a pilhagem, muitas vezes sem nenhuma obrigação de pagamento pela propriedade natural ou criada tomada. Nada deve obrigar ou impedir uma pessoa de usar uma determinada obra, ou mais amplamente qualquer propriedade intelectual, mas ao fazê-lo deveria pagar aos seus proprietários. Se por um lado é um absurdo criminalizar ou impedir que um desempregado venda cópias piratas para viver seja porque todos os direitos reservados, seja porque todos a comercialização foi proibida. Por outro é igualmente absurdo que uma Empresa ou Estado quinquilhionário tome uma obra de pessoa, ou pior as vezes uma criação que faz parte da cultura de um povo e a comercialize sem pagar nada pelo lucro obtido. O RobinRight é uma licença que permite controlar isso, libera que qualquer pessoa use sua obra, mas aquela que eventual faturar em cima, poderá ser cobrada se assim o autor quiser fazê-lo. É por isso que o RobinRight é liberado para todas as pessoas naturais e não as jurídicas. Porque essas via de regra, possuem o capital necessário para negociar de antemão o custo da sua apropriação seja para ditos fins lucrativos ou não. Para todas as demais, pessoas naturais, o RobinRight está dando um aviso simples: o autor se reserva o direito de cobrar os royalties dos lucros auferidos através do uso da obra.

Na verdade é uma licença redistributiva dado que cobra de quem pode pagar e ganha em cima do uso da propriedade, e libera gratuitamente para quem não tem, e não ganha, ou enquanto não vier a ganhar nada sobre ela. É uma licença que leva em conta as condições e possibilidades e resultados obtidos dos usuários, enfim sua necessidade e capacidade de pagamento para efetuar tanto a liberação prévia do uso, quanto do pagamento ou não.

É por isso que uso o RobinRight. Mais por uma questão de princípios do que de ganhos. Porque meus escritos valem menos que bosta de vaca. E

não estou sendo metafórico. Recentemente minha esposa comprou estrume de vaca para adubar a terra. Pagou mais do que eu ganhei com qualquer livro publiquei até agora. Mas não por isso, não é porque o que eu escrevo é o bosta ou tem o valor de mercado que vou renunciar ao que considero justo. Por sinal mesmo que fosse mesmo uma bosta de vaca e portanto tivesse mais procura e valor de mercado, disponibilizaria essa mesma merda da mesma forma: livre para todos que quisesse pegar; cobrando quem viesse ganhar muito em cima dela (porque pouco não vale nem o custo); e nem ferrando para empresas ou governos, sem saber antes o que vão fazer de bom ou ruim com ela.

Pensando bem que bom seria se pudéssemos reger por licenças de uso todas as propriedades, não só as intelectuais. Se pudéssemos autodeterminar todas as formas de relação dos outros com as nossas coisas que criamos ou possuímos através de contratos entre as partes e não predeterminações e intervenção de terceiros. Taí... eis algo que sinceramente não sei se é juridicamente possível (nas constituições vigentes), se existe em algum lugar, ou se já foi política ou socialmente alguma vez feito...

Thomas Paine e Renda Básica

“Onde não há liberdade, aí está o meu país”

Não há ainda uma referência mais pertinente e atual para concretização de uma renda básica do que Thomas Paine. E não estou falando apenas da sua obra clássica sobre o tema: “Justiça Agrária”, mas de todo o seu pensamento e filosofia política em que ele se insere e faz pleno sentido:

Ninguém foi mais longe do que Burke na defesa e no direito do passado governar o presente, negando, pois, o direito à revolução. Ninguém foi mais longe do que Paine, na defesa e no direito dos vivos romperem com os mortos, consagrando, pois, o direito à revolução (permanente). Da lógica das idéias e da argumentação de Paine, decorre, portanto, que todo sistema, ou regime, político-social é legítimo, desde que desejado pela maioria, e transitório ou reversível, desde que essa mesma ou uma nova maioria dele se queira desfazer. Assim, hoje — com o abismo crescente entre ricos e pobres (intra e entre países, e o aumento cada vez maior dos últimos), e com o colapso do socialismo real e com a crise do Estado de Bem-Estar (e da social-democracia, atacados pelo neoliberalismo) -, parece não haver proposta tão revolucionária e, portanto, tão atual, quanto a de Paine. Em outras palavras, com o(s) projeto(s) socialista(s) bloqueado(s) neste momento, que outro(s) projeto(s), dentro da ordem capitalista, é mais revolucionário do que o de Paine? Pois, Paine, foi simultaneamente um social-democrata e um neoliberal avant la lettre. Como o nosso tempo, ele queria simultaneamente mais democracia (isto é, mais igualdade, mais social-democracia) e mais liberalismo (isto é, mais autonomia, e portanto, e paradoxalmente, menos Estado). Mas, sobretudo, reler Paine, nos ajuda a manter a indignação e o espírito de luta para não aceitar, como natural, o mar de miséria que nos cerca de todos os lados. Hoje, certamente, se Paine ressuscitasse, ele que era revolucionário e democrata por instinto, mudaria sua divisa para “onde há miséria, aí está o meu país”. — Modesto Florenzano, Thomas Paine Revisitado

Revolução no Brasil é criar uma Sociedade brasileira

Os cinco artigos que tratam da proposta:

**Catalunha um governo “sem funcionários, sem sede e sem poder”
mas que quer resistir. Como?**